

A nação, o tempo e o outro: Ernest Lavisse analisa o Império Alemão

Nation, Time and the other: Ernest Lavisse analyses the German Empire

Rilton Ferreira Borges¹

Resumo: Este artigo tem como ponto central a obra *Essais sur l'Allemagne Impériale* (1888), de Ernest Lavisse (1842-1922), historiador, professor, diretor da *École normale* e membro da *Académie française*, para discutir as relações entre o tempo e construção da nação tendo o "outro" como parâmetro. No terço final do século XIX, marcado pela Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) coincidem a ascensão dos nacionalismos, a constituição da história como ciência e uma nova atitude perante o tempo decorrente da Segunda Revolução Industrial e de diversas descobertas científicas. Neste contexto demonstraremos como diferentes ações relativas ao passado e ao futuro podem influenciar discursos políticos do presente, tomando o contexto vivido por Lavisse como importante exemplo. Também traremos algumas reflexões a respeito da influência do nacionalismo sobre a produção do historiador.

Palavras-chave: Lavisse, Tempo, Alemanha

Abstract: This article focuses on *Essais sur l'Allemagne Impériale* (1888) by Ernest Lavisse (1842-1922), historian, professor, director of the *École Normale* and member of the *Académie française*, to discuss the relations between time and construction of the nation having the "other" as a parameter. In the final third of the nineteenth century, marked by the Franco-Prussian War (1870-1871) coincide the rise of nationalism, the constitution of history as a science and a new attitude to the time arising from the Second Industrial Revolution and various scientific discoveries. In this context we will show how different actions regarding the past and the future can influence political discourses of the present, taking the context lived by Lavisse as an important example. We will also bring some reflections on the influence of nationalism on the production of the historian.

Keywords: Lavisse, time, Germany

1. Introdução

Ondas de identidade nacional ocorreram desde o final do século XVIII até os dias de hoje (Meyer, 1995: 32). Já o interesse pelo "nacional" na historiografia passou por diversos momentos: de centro das discussões intelectuais até a metade do século XX, passando por quase total descrédito em meio à ascensão do marxismo e das lutas

¹ Doutorando em História pela PUC-SP, bolsista capes. E-mail: riltonferreira.rf@gmail.com

anticoloniais nos anos de 1960 (Noiriel, 1991: 72), chega aos dias atuais com força ao enfrentarmos questões referentes às minorias étnicas, a imigração em diversos países (incluindo o Brasil), o crescimento do nacionalismo conservador na Europa e nos Estados Unidos, além de reivindicações por autonomia, como o *Brexit* de viés econômico e o bastante complexo separatismo catalão.

Um dos momentos mais intensos de discussão a respeito do “sentimento nacional” foi o último terço do século XIX, fortemente marcado pela Guerra Franco Prussiana (1870-1), que tanto consolidou a unificação alemã em forma de Império quanto estimulou a proclamação da Terceira República francesa, ambos eventos que levaram a “nação” ao topo das discussões. Além disso, na mesma época, a história se constitui como ciência, fazendo com que a “nação” seja, ao mesmo tempo, objeto de estudo e causa a defender (Noiriel, 1991: 73). Ainda no final do século XIX uma nova discussão surge como reflexo da industrialização e das descobertas científicas do período, tendo como núcleo a relação dos indivíduos e das sociedades com o tempo.

Por que pensar no tempo para se refletir sobre a nação? A seguinte afirmação, de Norbert Elias, pode nos ajudar a responder:

[...] o que chamamos “tempo” significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano - mais tarde, a humanidade inteira - se serve para erigir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas (Elias, 1998: 60).

“Comparar fases” nos parece, aqui, o centro da questão. Como vamos demonstrar ao longo deste artigo, a noção de que diferentes nações poderiam estar em estágios diferentes de desenvolvimento fazia parte do olhar francês em relação a seus vizinhos.

A derrota da França na Guerra Franco-Prussiana causou grande impacto em diversos pensadores, dentre os quais destacamos Ernest Lavisse (1842-1922), historiador, professor, diretor da *École normale* e membro da *Académie française* (Provencher; Eilderts, 2007: 31). Este evento levou Lavisse a escrever vários livros

Esripturas

sobre educação nacional e também textos com o objetivo de glorificar a França para as crianças em idade escolar (Provencher; Eilderts, 2007: 31). Nossa hipótese é que este evento também levou Lavisse a escrever numerosos textos sobre a Alemanha, entre os quais estão os *Essais sur l'Allemagne Impériale*, documento que vamos analisar neste artigo.

Este documento é uma coletânea de artigos originalmente publicados entre 1871 e 1887 na *Revue des Deux Mondes*, reunidos por Lavisse e publicados em forma de livro pela editora Hachette. Apesar de ser um reconhecido historiador, autor de livros escolares e ensaios sobre educação, os textos reunidos nos *Essais* não são de historiografia ou pedagogia, estando mais próximos de ensaios literários, ainda que recorrendo à vasta erudição de Lavisse.

Os ensaios de Lavisse têm o olhar voltado, como o próprio título afirma, sobre a Alemanha. Mas ao descrever o Império Alemão, Lavisse também reflete sobre a França. Para o autor o Império Alemão e a França têm uma conexão bastante forte, para além da mera rivalidade: ao declarar guerra à Alemanha, a França ajudou a salvar, ainda que provisoriamente, um projeto imperfeito de país (Lavisse, 1888: VI²). Lavisse afirma que o Estado Prussiano, líder da unificação alemã, ainda era muito pequeno como território, mal povoado, mal feito. Tudo nele era pequeno, a não ser seu exército. Entrou para o grupo das grandes potências ao infligir derrotas dentro da Europa (Lavisse, 1888: X). Bismarck, seu ministro, é muito corajoso e muito prudente. Não cometeu nenhum erro que pudesse ter evitado, mas criou este Estado que fez com que cada dia vivido pela Europa fosse uma vigília de armas (Lavisse, 1888: X).

Parte do discurso político francês usou a história para designar adversários hereditários da nação francesa. A Inglaterra monárquica, mercantil e hipócrita, e a Alemanha expansionista e protestante ocupavam o primeiro lugar na "demonologia" francesa do longo século XIX (Hazareesingh, 2017: 3). Mas Lavisse também enxerga nos alemães um sentimento contrário aos franceses. Para ele o sonho dos alemães era arruinar a França (Lavisse, 1888: 71). Mesmo boas pessoas na Alemanha não deixavam

² As páginas do prefácio desta obra são numeradas com algarismos romanos.

de acreditar que um belo dia os franceses entrariam em campanha, “sem razão, por prazer, para ver” (Lavisse, 1888: 268). Lavisse afirma ter ele mesmo explicado a alguns alemães que não acreditava que o Presidente da República pediria uma declaração de guerra às duas Câmaras e conseguiria, afirmação em que demonstra estar seguro tanto do sentimento pouco bélico dos franceses (não crer que o presidente pediria) quanto do papel que as instituições republicanas exercem contra a guerra (ainda que o presidente pedisse, as Câmaras não aprovariam).

E qual papel Lavisse atribui a si neste contexto? Colocando-o devidamente em seu contexto, podemos pensar que sua reflexão não ignorou duas fortes correntes da Terceira República: uma elaborando uma espécie de história nostálgica, buscando os valores republicanos no passado revolucionário, e uma história teleológica, que vê na Terceira República uma missão a cumprir (Hazareesingh, 2017: 4). Neste contexto os valores republicanos eram transmitidos às crianças em todas as disciplinas, mas sobretudo em história (Abdulla, 2011: 5). Entendendo-se a França como um conjunto de memórias de grupos sociais diferentes, a história teria esse papel de construir um imaginário comum (Abdulla, 2011: 4).

A ideia de que a França tem um compromisso com os valores da Revolução e constitui uma espécie de vanguarda da humanidade, presente em Lavisse, sobrevive na França atual (Abdulla, 2011: 5).³ A Terceira República também ainda ocupa um importante espaço no imaginário político francês. Emmanuel Macron, por exemplo, a citou explicitamente em seu “Panteão histórico” durante a campanha eleitoral que o levou à presidência da França em 2017 (Hazareesingh, 2017: 5).

A cultura francesa dos séculos XVIII e XIX era geralmente pouco aberta ao exterior. Historicamente, este egocentrismo se fundamentou numa posição dominante em relação ao interior da Europa (Espagne; Werner, 1987: 971). Com a Revolução, a França se constituiu como uma “exceção republicana” na Europa (ABDULLA, 2011: 15),

³ Cf. Discurso do ex-presidente francês Jacques Chirac em: http://www.lemonde.fr/politique/video/2007/05/15/derniere-allocation-du-president-jacqueschirac_910559_823448.html

e tal situação era semelhante quando comparada às outras grandes potências do final do século XIX.

As fronteiras nacionais representaram no século XIX uma separação cultural mais profunda do que outras divisões, especialmente quando se tratam das formas mais abstratamente intelectuais da cultura (Espagne; Werner, 1987: 971).

Mas isso não fez com que ela fosse totalmente isolada de seus vizinhos monarquistas. Muitos autores alemães do início do século XIX desenvolveram sua reflexão sobre o termo "nação" e seus derivados em um movimento de apropriação/rejeição do discurso revolucionário francês (Noiriel, 1995: 7). Muitas vezes questões referentes a trocas culturais na Europa são estudadas segundo o esquema de história das influências: tal cultura é submetida à influência de outra, havendo uma relação de hierarquia (Espagne; Werner 1987: 970). Nossa proposta é, pelo contrário, pensar na recepção de forma ativa, ou seja, em como os franceses, sobretudo Lavisse, se apropriaram das relações entre seu país e a Alemanha.

As transferências culturais nem sempre acabam fazendo "crescer" os saberes e conhecimentos. Elas representam uma função precisa no interior do sistema de recepção (Espagne; Werner, 1987: 970), podendo as novas informações servirem para afirmar, questionar ou superar ideias presentes entre aqueles que as recebem. Na medida em que a cultura se definiu como um todo estruturado em suas próprias regras, ela não precisa de um "outro". Mas ao mesmo tempo, está submetida a uma dinâmica interna e externa. Não somente ela absorve elementos exteriores, como também fixa constantemente suas próprias fronteiras em relação ao diferente (Espagne; Werner, 1987: 971).

"Cada nação tem seu mentiroso e admirável Lavisse" (Meyer, 1995: 33). Não entraremos aqui no mérito de a narrativa de uma nação precisar necessariamente de mentiras, erros ou esquecimentos. Contudo, mesmo nos dias atuais, é bastante difícil a um historiador deixar de lado seus sentimentos para tratar da nação (Meyer, 1995: 34; Noiriel, 1991: 72), seja para afirmá-la ou detratá-la. Sendo assim, também não temos interesse em emitir juízos de valor sobre o texto de Lavisse, e sim demonstrar

Esripturas

seu procedimento e seu ponto de vista enquanto um dos construtores da nacionalidade francesa em sua época.

2. Passado como explicação do presente

Falar sobre o passado envolve lidar com a ideia de início. Com a geologia e o evolucionismo, dois contemporâneos da “nação”, o passado precisava ser longo o suficiente para que as transformações geológicas e biológicas ocorressem (Kern, 2003: 37). Contudo, a cada novo estudo as escalas de tempo dos cientistas podiam aumentar ou diminuir, prolongando ou retardando os processos estudados. Em meio a tudo isso, a vida humana passou a ser vista como um curto lapso em meio a um tempo muito longo (Kern, 2003: 38).

Neste contexto, algumas narrativas nacionais também passaram a buscar sua origem no passado mais remoto possível. Alemães, por exemplo, buscavam sua gênese entre os povos germânicos fora das fronteiras do Império Romano; ser descendente dos gauleses era uma crença comum entre os franceses (Abdulla, 2011: 12).

A visão instrumental do passado se manifesta claramente já no momento da aparição da história como disciplina autônoma na França do século XIX (Hazareesingh, 2017: 1). Ernest Lavisse, ainda assim, tenta problematizar a questão da origem da nação. Em uma excursão pelo Alemanha, constata que a educação daquele país é “nacional”, ou seja, visa formar “alemães”. A história ensinada nas escolas mostra que a civilização humana teve três grandes representantes: Grécia, Roma e Germânia. É um longo panegírico do germanismo, das origens à sua época. Os heróis (Alarico, Carlos Magno, Barbarossa, etc.) são amados com tanto calor que parecem estar vivos. Pelo contrário, os antigos inimigos, romanos, gauleses, eslavos, são odiados como se estivessem a atacar as fronteiras (Lavisse, 1888: 277).

Lavisse pondera que os franceses foram por muito tempo desinteressados por sua educação, mas não deveriam imitar a Alemanha: entre a história deste país e a francesa há diferenças profundas, e também não deveriam empregar um ensino histórico que produzisse este “patriotismo arrogante” (Lavisse, 1888: 278). Contudo,

Esripturas

segundo Lavisse, em uma coisa a história alemã ensinada nas escolas está certa: a nação na Alemanha é uma raça.

Para demonstrar seu ponto de vista, Lavisse se pergunta: seria a França uma raça? Faz sentido aos franceses cultuar Vercingétorix, da mesma forma que os alemães cultuam Ariovisto? Depois de Vercingétorix a Gália foi ocupada pelos romanos, da qual tomaram sua língua, instituições e costumes. Depois foi invadida por germanos de todas as tribos e escandinavos. No século V não restava nada de céltico: os Celtas, caçados na Grã-Bretanha pelos Anglo-Saxões se refugiaram na Armórica como estrangeiros. Ao contrário, a conquista romana não causou grandes transformações na Germânia (Lavisse, 1888: 278). Logo, os alemães do século XIX eram descendentes diretos dos germânicos antigos e, portanto, uma "raça"; já os franceses descendiam de diversos povos que ocuparam a região, não constituindo uma "raça". Sendo assim, *na visão de Lavisse*, o que caracteriza a "raça" alemã seria tanto a pureza quanto a antiguidade.

Lavisse segue sua reflexão olhando para a Idade Média. No século IX, quando do desmembramento do Império Carolíngio, a França está em caos, formada por povos e raças pelos quais não passa a ideia de formar um mesmo povo; já a Alemanha não contém mais do que alemães e forma uma unidade (Lavisse, 1888: 279). Segundo o autor, fazia parte do imaginário francês o costume de opor a unidade francesa à anarquia germânica, mas uma distinção era necessária: "A política fez a unidade na França; na Alemanha, a reduziu à anarquia, mas a *unidade natural* [grifo de Lavisse], aquela da raça, persistiu" (Lavisse, 1888: 279). Logo, os alemães são uma nação "natural" *porque* são uma raça.

Se os franceses não formam uma "raça", como podem ser uma nação? Eis que o republicano Lavisse dá uma resposta que aparentemente contradiz sua posição política: na França a nação se formou na medida em que o poder real cresceu. "A França começou por ser o '*País da obediência ao Rei*'" [grifo de Lavisse]. Na Alemanha a autoridade real enfraqueceu, as instituições gerais desapareceram, as províncias se esmigalharam em domínios senhoriais e repúblicas; mas a Alemanha manteve o sentimento original de comunidade: "ela se mantém uma nação *natural*" [grifo de Lavisse] (Lavisse, 1888: 279). A nação francesa começa a se formar com a monarquia;

Esripturas

a nação alemã se mantém *apesar* do enfraquecimento da monarquia, graças a seu caráter "natural".

Em seguida, Lavisse parte para o fim do século XIII quando o rei da França possui grande parte do território francês. Por ser proprietário do solo, "ele representa a França, é a França". Rodolfo de Habsburgo, rei alemão, é um pobre príncipe. Entre os franceses, seria "vassalo do vassalo"; na Alemanha ele era rei e toda a Alemanha o reconhecia como tal. Como os alemães se sentiam nação, mantinham a realeza como símbolo solene de sua pátria, ainda que o solo e a autoridade fossem partilhados (Lavisse, 1888: 279). Assim, a realeza criou um Estado francês sobre a antiga Gália; na Alemanha, a origem e a língua comum fizeram a nação. "É por isso que os alemães têm um sentimento de raça que nossos pais não conheceram" (Lavisse, 1888: 280).

Na Idade Média as fronteiras francesas eram linhas convencionais, as línguas se misturavam com as dos vizinhos. A Alemanha se chocava com povos muito diferentes de si, eslavos, lituanos e húngaros, que os detestavam e a quem execravam. Os cronistas alemães destes confrontos experimentaram um sentimento de ódio e orgulho que os cronistas franceses não conheceram (Lavisse, 1888: 280). A falta de organização entregou a Alemanha aos perigos da política e da guerra. Isto a tornou no século XVII uma região de anarquia em que cada parte era explorada por um príncipe que era, feitas algumas exceções, um personagem ridículo. Mas mesmo neste período guardou uma invencível esperança. "É lamentável que no dia em que o país se unifica adota uma política velha a nossos olhos, aquela de reivindicações em nome da raça" (Lavisse, 1888: 280)

A França, por outro lado, teria uma vocação "universal": do império universal romano ao catolicismo universal; a Gália foi a joia do Império Romano, a França cristã a joia da Igreja; na Idade Média Paris foi a capital intelectual da cristandade; quando tempos de dificuldade vieram sobre a Igreja, a França se manteve fiel: não teve a necessidade de criar uma igreja para si, como outros países (Lavisse, 1888: 281). Os franceses teriam sido os melhores alunos das escolas antigas de humanidades, e isto aparece em sua literatura do século XVII, filosofia do XVIII e na revolução que fizeram pretendendo o bem comum da humanidade (Lavisse, 1888: 281). É aqui que a aparente

Esripturas

contradição se desfaz: se para Lavisse a nação francesa começa a ser forjada por um rei que submete raças diferentes a seu poder e se proclama proprietário do território, ela se conclui quando o povo toma o território para si, começando o processo com a Revolução e concluindo com a Terceira República. É neste sentido que Lavisse conclui: "Em verdade, estamos longe, muito longe de Vercingétorix" (Lavisse, 1888: 281).

Qual a origem da rivalidade francesa para com seus vizinhos? Lavisse busca esta explicação no passado imperialista francês, discutindo a memória das vitórias e derrotas militares francesas no Império, o que teria causado um sentimento de vingança entre seus vizinhos (Lavisse, 1888: 8). Sendo assim, a França estaria colhendo os frutos de sua política expansionista:

Nos culpamos por nossos abusos nas vitórias e consideramos legítima a expiação de nossas faltas. Alguns caprichos e incoerências de nossa política externa depois do começo do século mostraram uma repugnância às conquistas violentas, e finalmente professaram que toda invasão não consentida é injusta, pois o homem não pertence à terra que habita, mas a terra ao ser humano (Lavisse, 1888: 9).

Essa situação se agravaria com a situação política da Europa nas últimas décadas do século XIX. O sistema de Grandes Potências não era conhecido na Idade Média e um dos sinais do fim daquele período foi a importância que a política deu ao território, que é a base do poder moderno (Lavisse, 1888: XVIII). O rei da França compôs seu reino como um agricultor compõe seus domínios, peça por peça, adquirindo as terras feudais (Lavisse, 1888: XVIII). França e Espanha reuniram muito poder com base na conquista territorial (Lavisse, 1888: XIX). A formação do império alemão e do reino italiano completaram o sistema das grandes potências. As fronteiras deixaram de ser vastos territórios vazios ou entremeados por pequenos reinos: a Holanda se sentia ameaçada, a Bélgica se preparava para se defender; França, Itália e Alemanha então se chocavam, "carne viva contra carne viva" (Lavisse, 1888: XX).

Ainda assim, Lavisse acreditava que o sistema de Grandes Potências teve efeitos benéficos: juntou as forças intelectuais e morais dos povos, vivificou e estimulou a consciência nacional deles, deu os meios de se expressarem com precisão. Ele produziu

Esripturas

uma “civilização comum a partir de uma variedade pitoresca e fecunda” (Lavisse, 1888: XX).

O homem comum alemão, pertencente a uma “raça” que deu origem a uma nação, teria características atávicas? Lavisse fala em características “naturais” do povo alemão, mas estas se referem primordialmente a hábitos. Em nenhum momento, na documentação analisada, Lavisse afirma crer que estes hábitos sejam fruto da biologia, mas tampouco fala em costumes “aprendidos”.

A primeira destas características, e que muito nos interessa ao pensar a relação entre tempo e nação, é a “lentidão” do povo alemão. Segundo Lavisse, supõe-se que este povo manteve de um longo passado o hábito do respeito e que é, por natureza, lento para conservar, mais lento para a ação, aceita sem dificuldade a vida como ela está (Lavisse, 1888: VII). Isto não seria de todo ruim, pois o tornaria um povo que fica feliz com muita facilidade, pois sempre estaria satisfeito com sua condição (Lavisse, 1888: VIII). Daqui podemos inferir que, quanto à ação, Lavisse vê o alemão como o oposto do francês: questionador, fez a Revolução, proclamou a República, não aceita facilmente as circunstâncias que são apresentadas. Frente ao tempo, o alemão teria uma atitude passiva, pois espera o acontecimento, enquanto o francês é ativo, indo em direção a seu destino. Este seria um dos motivos pelos quais a França teria alcançado uma república democrática e a Alemanha ainda era um império.

Por isso também a ideia de democracia deixava os alemães atônitos. Eles não compreendiam a ideia de todos serem iguais (Lavisse, 1888: 85), ao contrário dos franceses que redigiram a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Lavisse afirma que havia alemães que pensavam que seu país seria republicano em breve, mas outros (provavelmente a maioria) pensavam que isso estava longe de ocorrer (Lavisse, 1888: 85). A maioria dos soldados que invadiram a França na Guerra Franco-Prussiana eram devotados de corpo e alma à política do Império que se formava. Raros eram os que lamentavam a antiga Alemanha, mas os que sonhavam com uma Alemanha liberal e republicana eram ainda mais raros (Lavisse, 1888: 86).

A política interna alemã também causava certo incômodo em Lavisse por representar reminiscências da política que a França acreditava ter superado. A começar

Esripturas

pelo poder legislativo que se formou no Império: o *Bundesrath*, composto de forma hereditária, representava os príncipes dos estados alemães, dividia poder com o *Reichstag* propriamente dito, eleito por sufrágio universal. Lavisse via nessa composição um misto de passado (espécie de câmara de *lords*, representando os antigos poderes) e nação moderna (deputados eleitos pelo povo, representando a moderna democracia) (Lavisse, 1888: 102). Vale lembrar que para Lavisse, como para muitos pensadores franceses da época, a democracia era o estágio mais desenvolvido que uma nação poderia alcançar.

O discurso político francês ficou impregnado de história a partir do século XIX, tal ponto que as diversas tradições políticas colocaram representações do passado no centro de sua retórica (Hazareesingh, 2017: 2). Podemos identificar algo semelhante em grupos que disputavam cadeiras no *Reichstag* e classifica-los segundo atitudes temporais. Os diferentes partidos conservadores buscavam no passado germânico os valores alemães e tendiam a ver aqueles que não aderissem a esta origem como inimigos. Os grupos ligados a diferentes correntes do socialismo, em geral, estavam mais preocupados com transformações em direção ao futuro (por isso trataremos deles no próximo tópico). Ao lidar com este assunto, Lavisse destaca o antissemitismo na política alemã, e o encontra em diferentes espectros políticos, mas destaca a fala de um conservador alemão, que vê em Lassalle, tido como judeu, aquele que destruiria a nação tradicional alemã, por não compreender sua tradição, seu significado, por ser estrangeiro e republicano (Lavisse, 1888: 107). Desta forma, ser judeu ou socialista significava não ser verdadeiramente alemão e, portanto, estes dois grupos não eram muito diferentes para um conservador alemão.

Outro grupo era visto pelos conservadores alemães como um grande perigo: a Fração do Centro, partido que representava os católicos alemães (Lavisse, 1888: 109). Por serem católicos, eram acusados de traição por quererem submeter a Alemanha ao Papa, acabando com sua soberania nacional, limitando progressos científicos e a liberdade religiosa (Lavisse, 1888: 110). Lavisse ressalta que na Alemanha a política e a religião estavam envolvidas. Os príncipes conquistaram sua independência nos séculos XVI e XVII lutando pela Reforma; no Império Alemão o catolicismo, deixado em

Esripturas

minoría desde 1866, confundia sua causa com a dos príncipes despojados ou ameaçados. Defendia que o poder do imperador fosse reduzido ao estritamente necessário (Lavisse, 1888: 111). Por este motivo, os católicos alemães estavam muito mais próximos dos grupos socialistas do que dos conservadores, constatação que pode parecer estranha a um observador dos dias atuais. Os católicos eram representados pelos conservadores como homens degenerados e traidores que conspiravam em favor do inimigo hereditário (Lavisse, 1888: 169). Esta opinião dos conservadores se baseava na tese "organicista" ou "historicista", defendida por nomes como Ranke e mais forte entre os teóricos alemães, determinando a nação através de critérios mais objetivos (língua, costumes, etc.), o que justificaria, por exemplo, a anexação da Alsácia-Lorena, excluiria da nação os "estrangeiros" (judeus, ciganos, etc.) e tornaria indesejados aqueles que contestam estes critérios, como católicos e socialistas. Já a tese "democrática", defendida por nomes como Renan e popular entre os franceses, se baseia no "sentimento de pertencimento" (Noiriel, 1991: 74). Lavisse demonstra em muitas passagens ser adepto desta última tese, e demonstra certa aproximação de católicos e socialistas alemães por colocarem o sentimento de pertencimento (a uma religião, a uma causa) acima da "raça". É provável que Lavisse entendesse esse sentimento de pertencimento como um dos critérios para definir a França como nação.

3. O futuro entre a atividade e a expectativa

Podemos falar em duas atitudes possíveis em relação ao futuro: atividade e expectativa (Kern, 2003: 89). De outra forma, podemos perguntar: o indivíduo vai em direção ao futuro ou o futuro vem em direção ao indivíduo? Estes são os dois polos do debate que predominavam no século XIX (Kern, 2003: 90). Se, como vimos anteriormente, o povo alemão costuma ter uma atitude passiva frente ao tempo, localizando-se no polo da expectativa, a esquerda alemã tem uma atitude bastante ativa em busca do futuro.

Ao falar da imprensa operária, Lavisse encontra o *Parloir*, jornal dos profissionais da porcelana e o considera uma exceção por ter um tom mais conciliador entre

trabalhadores e patrões. Narra cenas escritas por operários que mostram o cotidiano das manufaturas de porcelana com uma harmonia resultante da manutenção de velhas tradições e boa vontade mútua (Lavisse, 1888: 134). Este seria, então, o único jornal operário encontrado por Lavisse que defendia o passado como exemplo aos trabalhadores.

Le Correspondant pour les imprimeurs et les fondeurs en caractères era escrito com talento. Assim como na França, o tipógrafo alemão se considera um operário de elite, como um "pioneiro da classe trabalhadora". Seu redator chefe era bastante reconhecido, e escrevia para o jornal longas lições de economia política. Combatia a doutrina que admite a lei do salário. Defendia a criação universal de sociedades cooperativas que garantiriam renda aos trabalhadores e mudariam, para o lucro do trabalhador, a lei da oferta e da procura (mas não explica como isso se daria). Se dizia partidário do progresso lento, desiludido com as quimeras de Lassalle e do comunismo francês. Mas também não concordava com as disposições conciliadoras (Lavisse, 1888: 136), por isso podemos dizer que é um jornal que defende mudanças graduais, que vislumbra um futuro melhor a longo prazo.

Le Correspondant, jornal dos operários chapeleiros, estava em luta perpétua contra o *Journal des Chapeliers*, jornal dos patrões. Defendia a coalizão e a greve, sendo bastante combativo (Lavisse, 1888: 135). Já o *Compagnon* era o jornal dos operários de bijuterias. De uma associação com apenas quatro anos de existência, defendia abertamente a intervenção imediata dos trabalhadores na sociedade. Aceitavam as melhorias parciais apenas enquanto aproximação da ruptura definitiva (Lavisse, 1888: 136). Estes dois jornais eram adeptos de ações para mudanças mais rápidas, ou seja, pretendiam um futuro melhor o mais rápido possível.

Le Messager toma seu lema de Lassalle. Jornal de combate dos fabricantes de cigarro, que amava a guerra e todos seus truques, mas tinha pouco poder contra seus patrões, que com grandes estoques conseguiam atender ao mercado mesmo em períodos de greve, sendo mais duros nas negociações. Também costumavam fechar as portas aos grevistas. *Le Messager* reconhecia que não tinha força para lutar contra os patrões fazendo greve, por isso usava como estratégia a deserção: com ajuda da "caixa

Esripturas

de seguros para as viagens", primeiro os operários solteiros, em seguida os casados, abandonavam as fábricas, esvaziando-as sem greve. Segundo Lavisse, como os operários alemães eram mais "nômades" do que em qualquer outro lugar, esta estratégia costumava funcionar (Lavisse, 1888: 137). *Le Messenger* também defendia que as associações de trabalhadores não eram um meio de reformar, mas de destruir a sociedade atual (Lavisse, 1888: 138). Além de ser ativo em relação ao futuro, este jornal acreditava que o futuro apenas chegaria com uma ruptura total em relação ao presente.

L'Association era o jornal da Liga de Associações Operárias, dos senhores Hirsch e Dunker. Socialistas "de púlpito" fundaram associações (*Gewerkvereine*) análogas às *trade-unions* da Inglaterra. Treze foram fundadas entre 1868 e 1869 e unidas formavam a Liga das associações alemãs (Lavisse, 1888: 138). O jornal não era escrito por operários (Hirsch, então advogado da liga, era médico e legista): *L'Association* era uma espécie de monitor da reforma social, que se fez perto das classes elevadas intérprete das vozes das classes trabalhadoras (Lavisse, 1888: 138). Com tom conciliador, acreditava mais nas reformas gradativas do que na ruptura total.

Segundo Lavisse, bem mais forte do que todas as associações é o partido socialista francamente revolucionário. Dominados por um nome e uma ideia: Lassalle é o nome e a ideia é que a sociedade de então era absolutamente incapaz de melhorar a sorte daqueles que sofrem (Lavisse, 1888: 141). Os seguidores de Lassalle se dividem em dois grupos: a "Liga Geral dos Trabalhadores alemães", fundada em 1863 por ele, e o "Partido Democrático Socialista dos trabalhadores alemães", originado de uma espécie de cisma do primeiro. A "Liga" conserva as tradições do mestre e o culto a sua pessoa, já o partido repudia tal idolatria como sendo contrária ao espírito democrático. Os grupos trocam insultos e acusações, mas têm em comum a luta implacável contra a sociedade criticada por Lassalle (Lavisse, 1888: 141). Lassalle demonstra a inutilidade da economia. Zomba das fundações de seguros, de ajuda mútua, expedientes criados pela burguesia, migalhas de pão jogadas ao mundo dos famintos. Uma imensa erudição lhe forneceu argumentos abundantes contra o capital e a propriedade, "categorias históricas" cuja razão de ser é relativa e que desaparecem segundo as circunstâncias

Esripturas

passageiras em que nasceram. Critica a burguesia alemã comparando-a com a francesa de 1789. Com rigor científico constrói um mundo novo, no qual o trabalhador teria lugar. Os trabalhadores se organizariam em associações locais, que formariam uma corporação que se estenderia por toda a Alemanha. Estas corporações formariam uma organização única, que seria o Estado social e democrático. O Estado distribuiria a matéria-prima e as ferramentas, regularia a produção e repartiria o lucro entre todos conforme a medida dos serviços prestados. Assim começaria neste mundo o reino da justiça absoluta. Essa é a terra prometida que Lassalle mostrou aos trabalhadores alemães (Lavisse, 1888: 142).

Pela exposição que Lavisse faz das ideias de Lassalle, podemos observar uma espécie de teleologia, em que um futuro determinado seria alcançado através de ações presentes. Lavisse também compara Lassalle aos socialistas franceses, afirmando que seria supérfluo limitar o programa de Lassalle a uma imitação das ideias francesas; mas sua originalidade estaria em apresentar suas "quimeras" com um conjunto de provas inesperadas e uma eloquência cativante, por isso foi muito superior a seus adversários, fosse pela pena ou pela palavra (Lavisse, 1888: 143). Porém seus sucessores pareciam mais sábios, pois agiam sem sacrificar conquistas imediatas em nome de um tempo futuro (Lavisse, 1888: 144). Ainda assim, Bebel, um dos seguidores de Lassalle afirma: "O socialismo não é uma questão de teoria, é uma questão de força" (Lavisse, 1888: 145). Sendo assim, a ação é necessária e a passividade é condenável.

Os socialistas não combatiam apenas a hegemonia prussiana, mas a ideia de pátria. Se esforçavam em diminuir as vitórias alemãs recentes, como em uma série de artigos sobre a história da Prússia com esse objetivo (Lavisse, 1888: 146).

Lavisse diz que não é necessário reproduzir as ideias da Internacional presentes nos jornais alemães por ser um movimento verdadeiramente internacional e muito conhecido na França. As profissões barulhentas de ateísmo, materialismo, profecias sobre a idade de ouro que inaugurará a morte do último padre o do último rei, que se ouve nos clubes vermelhos franceses se lia na imprensa vermelha alemã. Chegam a ser um pouco pedantes: citam Linné, Cuvier, Humboldt, Lamarck, Lyell, Darwin. Não escondem os ataques que fazem às crenças da humanidade. Não separam o ódio contra

Esripturas

a burguesia do ódio contra Deus, que a acusam de ter inventado e afirmam que destruir a esperança numa vida futura faz com que se desejem mais os gozos da vida presente e mais odiosos os privilegiados que tiram dos pobres sua parte de felicidade (Lavisse, 1888: 148). É interessante notar que na visão destes militantes a crença na eternidade (Paraíso) deve ser substituída pela crença no futuro (igualdade nesta vida). Contudo, ambos não deixam de ser tipos de "salvação".

Se por um lado Lavisse acredita haver uma hierarquia muito grande no pensamento do homem comum, que não enxerga a todos como iguais (Lavisse, 1888: VIII), decorrente do hábito do respeito e da "lentidão" que citamos anteriormente, por outro o alemão não conhece inclinação moderada, por isso o espírito revolucionário, na Alemanha, não seria domado (Lavisse, 1888: IX).

O Império Alemão, fundado sobre uma "nação natural" e apoiado por conservadores que reivindicam o passado germânico, também tem seu olhar sobre o futuro. Podemos constatar isso ao analisar o relato que Lavisse faz de uma sessão do *Reichstag*. Nela estão presentes deputados de todo o Império, inclusive de regiões anexadas. Os treze deputados poloneses, em guerra com o Império, não pediam a palavra senão para protestar. Se tornaram alemães por conta das anexações. "Efeito bizarro da vitória do partido nacional!": Austríacos (de origem germânica) foram excluídos da pátria, mas poloneses e dinamarqueses (de outras etnias) foram introduzidos (Lavisse, 1888: 114). Havia alguns lugares vazios, provavelmente destinados aos deputados da Alsácia-Lorena, que para Lavisse, quando estivessem lá, se veria que a custa de mentiras, pranto e sangue se fundou o novo império (Lavisse, 1888: 114). Lavisse transmite uma visão muito negativa do Império Alemão; o sangue e o pranto vem das anexações; as mentiras, da construção de uma nacionalidade que agrega povos que não se reconhecem como alemães, desrespeitando a tese democrática que citamos no tópico anterior, mas também ignorando a tese "organicista" por agregar povos de outras etnias.

Um deputado dinamarquês pede a palavra e expressa seu sentimento e de seus compatriotas pela anexação, prestando solidariedade à Alsácia-Lorena. Os deputados protestam, pedindo que se retorne à questão, mas o presidente permite que o deputado

Esripturas

expresse "o que está em seu coração". Lavisse constata que a política do Imperador aos anexados é essa: os felicita pela fidelidade que guardam às coisas do passado e agradece à fidelidade futura por sua casa real (Lavisse, 1888: 123) Eis a visão estratégica do Império: valorizar a ligação com o passado, mas não limitar um império ainda em construção.

Lavisse também faz alguns prognósticos sobre a Alemanha.

Certamente, se há uma coisa certa no mundo, é que a forma rígida onde estão hoje detidos como em uma prisão militar os sentimentos e paixões que animam e dividem as almas alemãs será rasgada em uma tempestade (Lavisse, 1888: VII).

A guerra é certa, porque a Alemanha Imperial veio da guerra e vai em direção à guerra. "A *bello ad bellum* será sua epígrafe" (Lavisse, 1888: IX). A Alemanha vem da guerra, porque a Prússia, que é produto da guerra, a fez (Lavisse, 1888: IX).

Para Lavisse a paz nunca será assegurada porque a Prússia não admitirá a ideia de um desarmamento. Terrível círculo vicioso: os Estados se armam para se defender da guerra; eles vão à guerra porque estão armados (Lavisse, 1888: XI). A Europa, assim, teria guerra, porque ela se preparava para a guerra. Uma faísca nos Vosges, Balcãs ou na costa do norte da África detonaria um foguete gigantesco (Lavisse, 1888: XI). Neste dia França e Alemanha seriam os chefes de campanha e essas duas potências seriam o centro da batalha (Lavisse, 1888: XII). Como podemos perceber, Lavisse foi capaz de perceber que uma guerra mundial não estava distante de acontecer.

A França, na opinião de Lavisse, estava dividida quando escreveu o prefácio de sua obra, e alguns anunciaram seu fim. Mas não sabiam esses que crises revolucionárias profundas duram muito tempo, e que um século não é suficiente para um país que depois de romper com todos os poderes que regiam sua vida, encontre novas condições de existência (Lavisse, 1888: XII). Lavisse constata as implicações de longo prazo da Revolução Francesa, o que hoje poderíamos chamar de "longa duração". Para julgar a França com rigor, Lavisse propõe um exercício de imaginação histórica, que certamente não caberia em um texto historiográfico de sua época, mas que lhe é permitido em um ensaio: seus detratores deveriam saber como se comportaria a Prússia sem rei, a

Esripturas

Alemanha sem imperador e a Inglaterra republicana (Lavisse, 1888: XII). E, em tom de profecia, Lavisse conclui: "Um dia virá em que todas as formas tradicionais de autoridade tradicional desaparecerão em todos os países; no nosso, elas já não são mais visíveis" (Lavisse, 1888: XII). Em outras palavras, no futuro todas as nações serão como a França!

Em outro prognóstico, Lavisse usa a ironia. Segundo o autor, seus contemporâneos ainda não seriam capazes de compreender a grande política de sua época e suas consequências. Mas os historiadores do futuro verão que entre eles há proporção razoável. Descreverão orçamentos, armamentos e paradas gigantescas. Recontarão a história do duelo heroico-cômico entre a bala de canhão e a couraça do navio, o obus e a muralha (Lavisse, 1888: XXI). Verão que os filósofos se enganaram quanto à crença no progresso perpétuo como causa final da história. (Lavisse, 1888: XXII). Identificamos a ironia pelo seguinte: Lavisse afirma que ainda não era capaz de compreender a política que descreve em seguida, dizendo quais seriam as conclusões dos historiadores do futuro. É possível que também nesta passagem tenha usado o ensaio para fazer algo que não condizia com os cânones da historiografia de sua época e que hoje é um campo crescente: uma história do tempo presente.

Lavisse afirma que a política internacional levou à barbárie; a barbárie é o sistema de grandes potências levado a perfeição; e porque foi levada à perfeição, estaria próxima da decadência (Lavisse, 1888: XXII). Depreendemos desta afirmação que a história é uma sucessão de experiências diferentes, como dito anteriormente. Sendo assim, quando algo atinge o auge, *precisa* entrar em decadência para que outra coisa entre no lugar. Logo, podemos dizer que para Lavisse a história se dá através de rupturas, ainda que não sejam radicais, ou seja, cada época rompe com a anterior, mas carrega algo dela em seu bojo. Outro momento em que podemos perceber que Lavisse não entende a passagem do tempo como uma ruptura radical entre épocas é quando ele afirma que não se pode imaginar como será o século XX (ou seja, o futuro não é acessível), mas um partido, que hoje vai crescendo, se apresenta como sucessor das potências de hoje (ou seja, o presente apresenta a possibilidade de prognósticos, o que faz com que o futuro carregue algo do presente).

Esripturas

O partido a que Lavisse se refere é o socialista. Para o autor não se deve condenar sua violência: se o céu foi prometido aos violentos, a terra sempre pertenceu a eles (Lavisse, 1888: XXIII). Antes de menosprezar as esperanças socialistas e as ameaças anarquistas, deve-se buscar sua razão de ser. Ela é brilhante, segundo Lavisse, pois declara guerra à guerra, reclama o direito de viver pela paz e trabalho, se coloca contra os Estados do século XIX e a política homicida feita ou aceita pelas classes dirigentes (Lavisse, 1888: XXIII).

Se o futuro do socialismo é acabar com a política internacional violenta, qual seria a razão de ser dos países? Lavisse acredita que a Alemanha se colocou a seguinte vocação: reivindicar para si tudo que é germânico, exaltar o germanismo, desenvolver sobre o universo o poder germânico. E a França? "Não tenho dúvidas de que nossa tarefa é representar a causa da humanidade" (Lavisse, 1888: 281).

Não creio que deveríamos afogar nossa individualidade nacional numa "*humanitarerie*". Mas nossa individualidade consiste precisamente nisso, que somos uma nação humana. Certamente temos um culto à pátria francesa: depois dela ter sido feita pelos reis, nós nos apropriamos dela pela Revolução. Nós a amamos por ela mesma e defendemos contra as monarquias da Europa nosso solo, que proclamamos indivisível e sagrado; mas proclamamos ao mesmo tempo os direitos do homem e os direitos dos povos. Infelizmente não apreciamos muito estes direitos; mas mesmo as violências cometidas pelo Império [Napoleônico] aceleraram em muitos séculos a emancipação das nações. Depois que a Europa unida nos fez reentrar em nossas fronteiras, nossa política não foi jamais violenta ou provocativa. Ela terminou por professar que toda conquista é injusta, se ela pretende dispor de seres humanos contra sua vontade. Frente a um império fundado pela força, sustentado por ela, e que imolou pela conveniência de estratégias os direitos de milhares de homens, a República Francesa representa os direitos violados. Se algum dia, em um combate europeu, ela reivindicar o território rasgado da pátria indivisível, ela o poderá fazer em nome da humanidade (Lavisse, 1888: 282).

Note-se que nesta longa citação Lavisse omite as conquistas imperialistas francesas fora da Europa, fala em retomar a Alsácia-Lorena e, mais uma vez, prevê uma guerra, no mínimo, europeia.

Frente à guerra certa, um dos papéis da Terceira República seria formar soldados que defendessem a França. Lavisse critica o silêncio da escola em matéria de educação

Esripturas

nacional. Há uma propedêutica do dever militar que não deve ser ignorada (Lavissee, 1888: 282). Para auxiliar na tarefa de formar aqueles que devem amar e defender a França, Lavissee trabalhou em diversos textos didáticos (Provencher; Eilderts, 2007: 32). A história, neste caso, teria também uma missão teleológica: além de servir como elo entre passado e presente (Hazareesingh, 2017: 1), também teria um papel importante na construção do futuro. A Terceira República se identificou com a nação, enraizando seu poder sobre a sociedade francesa ao inventar todo um simbolismo que ao mesmo tempo concretizasse a ideia abstrata de "nação" e fornecesse pouco a pouco um elemento central de identidade local (Noiriel, 1991: 75). O sistema educacional e o serviço militar também serviram neste período como formadores da cidadania, e ambos estavam imbricados (Provencher; Eilderts, 2007: 34).

4. Conclusão

Ao mesmo tempo em que a narrativa da nação busca explicar "quem somos" e "por que somos o que somos", ela acaba precisando dar conta de explicar "quem não é como nós". Ernest Lavissee ao olhar para o "outro", que no caso era a Alemanha, se depara com uma profunda reflexão sobre o "nós franceses". Em muitos momentos ao longo dos textos aqui trabalhados, percebemos que Lavissee não tenta explicar o outro como um mero "negativo de si", mas em alguns casos chega a explicar o "nós" como um "negativo do outro", como podemos perceber em sua reflexão a respeito de a França ser ou não uma "raça".

Além disso, pudemos ver como a relação com o tempo, especialmente passado e futuro, são constitutivas tanto da narrativa que pretende fundamentar a nação, quanto de projetos políticos. Lavissee, como historiador e teórico da educação envolvido com as políticas educacionais francesas, mostra em suas reflexões que tanto o passado quanto o futuro podem justificar ações políticas no presente.

Bibliografia:

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 07-27, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Borges, Rilton Ferreira

A nação, o tempo e o outro: Ernest Lavisse analisa o Império Alemão

ABDULLA, Hanin. *L'importance de l'histoire pour la France: de l'identité nationale à l'antiaméricanisme*. 2017. Eindwerkstuk in de Bachelor opleiding Franse taal en cultuur, Universiteit Utrecht

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

ESPAGNE Michel, WERNER Michaël. *La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914)*. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 42^e année, N. 4, 1987. pp. 969-992.

HAZAREESINGH, Sudhir. *L'historien dans le débat politique français*, *histoire@Politique*, n° 31, janvier-avril 2017.

KERN, Stephen. *The Culture of Time and Space 1880-1918*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

LAVISSE, Ernest. *Essais sur l'Allemagne Impériale*. Paris: Hachette, 1888.

MEYER, Jean. *La historia como identidade nacional*. *Vuelta*, n° 219, 1995.

Noiriel Gérard. *La question nationale comme objet de l'histoire sociale*. In: *Genèses*, 4, 1991. *Le national*. pp. 72-94.

_____. *Socio-histoire d'un concept. Les usages du mot « nationalité » au XIX^e siècle*. In: *Genèses*, 20, 1995. *Histoire politique, histoire du politique*. pp. 4-23.

PROVENCHER, Denis; ELDERTS, Luke. *The Nation According to Lavisse: Teaching Masculinity and Male Citizenship in Third-Republic France*. *French Cultural Studies*, 18(1): 31-57, 2007.

WHITROW, G.J. *O que é o tempo?: uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 2, pp. 07-27, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com